

Revista Portuguesa
de História

F. L. Ganshof : *Étude sur le développement des villes entre Loire et Rhin au Moyen Age*. Paris-Bruxelas, 1943.

Este estudo, que constituiu uma comunicação apresentada à Classe de Letras da Academia Real Flamengo das Ciências, Letras e Belas-Artes, da Bélgica, é a sua tradução francesa feita sob a direcção do próprio autor, que assim teve oportunidade de rever e completar o seu próprio trabalho.

Com ele, propôs-se o Prof. Ganshof descrever o desenvolvimento territorial das cidades no decurso da Idade-Média, no quadro de uma região bem determinada — a região entre o Loire e o Reno, que foi o coração da monarquia franca, apresentando por isso, incontestavelmente, uma verdadeira unidade de instituições e de estrutura social e económica.

O Prof. Ganshof declara expressamente que não teve intenção de esgotar o assunto. Pretendeu apenas, «assinalando os principais aspectos do desenvolvimento territorial de certas cidades, examinar o problema, fixando algumas balisas e analisando alguns dos seus traços mais característicos».

A utilidade do trabalho do eminente medievalista não pode ser posta em dúvida, constituindo como constitue estímulo e guia para estudos de um género que até agora tem sido menos aprofundado, apesar da sua primacial importância para a compreensão das instituições urbanas.

De facto, o conhecimento material da cidade, o conhecimento da sua génese e evolução topográfica permitirá compreender melhor o seu desenvolvimento constitucional, permitindo também esclarecer muitos problemas com ele relacionados.

Afinal, o trabalho do Prof. Ganshof constitue uma magnífica lição de método, extremamente sugestiva, sobretudo para nós que apenas iniciámos estudos desta ordem.

Mas não é só isto: Dominando perfeitamente a matéria, e dispondo de uma riqueza bibliográfica enorme, o Autor pôde chegar, de facto, a conclusões tão bem deduzidas que, apesar do seu carácter provisório, parecem definitivas.

Seguindo um critério exclusivamente histórico, o Prof. Ganshof tenta distinguir as diferentes fases e tipos do desenvolvimento territorial urbano, levado pelas seguintes considerações: em pri-

meiro lugar convinha escolher, nas diversas partes da região examinada, cidades que, sob o ponto de vista da sua origem, não pertencessem sempre ao mesmo tipo, e cuja origem não datasse do mesmo período; em segundo lugar era preciso dar preferência às cidades importantes, cujas funções económicas contrastavam muito nitidamente com as da população rural.

Por isso, Ganshof se limitou ao estudo dos núcleos urbanos que se impuseram como centros comerciais ou industriais no tráfico internacional, inter-regional ou mesmo regional da Idade-Média.

São quatro os capítulos em que se divide a obra.

O primeiro é dedicado ao estudo do núcleo pré-urbano — *civitas* ou *castrum* — que os romanos legaram à sociedade medieval como espectro de onde a vida urbana digna desse nome tinha completamente desaparecido, muito embora o seu papel, como residência do conde ou do bispo, continuasse a ser considerável na circunscrição (*pagus*, *comitatus* ou *diócesis*, *parochia*) de que era cabeça.

Assim, esses centros puderam conservar o seu carácter de praças fortes que se refizeram ou apenas restauraram, especialmente durante a segunda metade do século ix, em seguida às invasões normandas. E foi justamente devido a essas fortificações, que puderam desempenhar o papel de núcleos pre-urbanos na formação das cidades medievais, pois foi ao lado ou à volta, e até dentro da cerca romana que estas se formaram.

Não obstante, nem sempre a *civitas* ou o *castrum* pôde desempenhar a função de um verdadeiro núcleo pre-urbano. Em certos casos, relativos ao norte ou nordeste da região em estudo, as edificações romanas serviram apenas de «agentes de fixação» de outros elementos que só mais tarde actuam como verdadeiros núcleos pre-urbanos.

Especialmente ao norte, a circunstância de se tratar de uma região que na época romana teve fraco desenvolvimento urbano não permitia que os novos núcleos se constituíssem sempre à sombra da cidade antiga.

O Prof. Ganshof vai até afirmar: «De uma maneira geral, o núcleo pre-urbano foi, nessa região, alguma coisa de novo». De facto, além de dois casos em que esse núcleo é constituído por

um *palatium* real (Aix-la-Chapelle e Nimègue), a cidade forma-se aí junto do castelo condal geralmente construído no séc. x, ou mesmo junto de uma nova residência episcopal, de uma abadia ou de uma simples basílica.

O segundo capítulo estuda a aglomeração mercantil, cuja célula geradora foi uma nova aglomeração habitada por pessoas exercendo actividades bem diferenciadas das da população rural limítrofe, actividades essas de natureza comercial ou ligadas ao comércio.

Essas aglomerações, de carácter predominantemente mercantil, começam a aparecer, ao norte da região em estudo, no decurso do séc. ix, em consequência do comércio dos frísios ao longo do Reno, do Escalda e do Mosa e do mar do Norte. São essas aglomerações que as fontes designam geralmente *portus* ou *vicus*.

O Prof. Ganshof assinala a dificuldade que existe em determinar exactamente a posição destes aglomerados mercantis em relação ao respectivo núcleo pre-urbano, pois a maior parte deles foi destruída pelas invasões normandas. De facto, o período carolíngio — o primeiro das cidades medievais — redundou, salvo alguns casos mais ou menos hipotéticos, num verdadeiro desastre.

Mas, depois das invasões normandas, o renascimento comercial no mundo nórdico não podia deixar de afectar esta região. Antigas aglomerações mercantis são então reconstituídas, e outras novas surgem na vizinhança imediata de uma *civitas*, de um *castrum* ou de qualquer outro núcleo pre-urbano com situação favorável ao desenvolvimento do comércio. Estamos no fim do séc. ix e sobretudo no séc. x, ou mesmo, em alguns casos, no séc. xi.

A nova aglomeração também se constitui dentro da *civitas* ou do *castrum*, mas só excepcionalmente, pois não só faltava aí, em geral, espaço disponível, mas também o «clima» humano era-lhe pouco favorável.

Por isso, são aglomerados urbanos secundários—*suburbium*, que nos Países-Baixos também se domina *portus*, e em França *burgus* — que geralmente se formam.

O Prof. Ganshof considera dois casos : E o primeiro aquele em que a nova aglomeração se formou muito próximo do núcleo pre-urbano. Neste caso, o mercado (*forum*), elemento essencial, fixa-se geralmente junto de uma das portas da cerca do *castrum*, estabelecendo assim a ligação entre ele e o *suburbium*, por vezes sem solução de continuidade. E o segundo aquele em que o

bairro comercial se constituiu a uma maior distância do núcleo pre-urbano, às vezes por iniciativa do príncipe ou do senhor, e que se pôde desenvolver graças a condições favoráveis.

O Autor acentua o facto de a aglomeração mercantil ter sido, sempre que existiu, o germe da cidade, embora, no decurso do seu desenvolvimento, outros elementos já existentes tenham desempenhado o seu papel, tal como o núcleo pre-urbano e as aglomerações agrupadas à volta das abadias ou das colegiadas. Mas esse papel foi sobretudo passivo. Assim, na maior parte das cidades francesas, ao contrário do *bourg* (o bairro comercial) a *cit * era, na Idade-Me'dia, um bairro morto, povoado de eclesiásticos e seus sequases, e mais tarde de magistrados, às vezes com áreas relativamente extensas apenas ou mesmo não urbanizadas.

Estas aglomerações de mercadores não foram logo fortificadas. Eram as muralhas da *civitas* ou do *castrum* que serviam de refúgio  sua população. O estabelecimento de uma cerca — acentua Ganshof —  o acontecimento que verdadeiramente marca o advento de um novo período na história do desenvolvimento territorial da cidade. Isolando materialmente o *suburbium* da terra chá, a muralha ou simples fosso f-lo contrastar nitidamente com o território que o cerca. Por isso, o seu estudo tem a maior importância, e nele reside verdadeiramente o interesse deste livro, que se ocupa sobretudo a evolução dessas muralhas, utilizando uma bela colecção de cartas topográficas que se reproduzem no fim do volume.

Mas as dificuldades que o seu estudo oferece são por vezes muito grandes. Em primeiro lugar é preciso não confundir a cerca do subúrbio com linhas de defesa avançadas que existiam em função do próprio castro, com uma finalidade meramente militar. E não deve deixar de considerar-se a época em que as primeiras cercas foram estabelecidas, e ainda as características dos respectivos aglomerados que condicionaram o estabelecimento dessas cercas.

O Prof. Ganshof considera um primeiro grupo constituído pelas aglomerações fortificadas antes do séc. xn ; um segundo grupo por aquelas que se fortificaram nesse século ; e finalmente um terceiro constituído por cidades que são tiveram um desenvolvimento comercial e industrial muito limitado ou tardio, ou ainda retardado em dado momento da sua evolução.

Depois, o historiador indica a maneira como essas primeiras cercas foram estabelecidas, encarando as relações entre esses trabalhos e as fortificações do núcleo pre-urbano. Distingue as cercas separadas das referidas fortificações — ou que apenas se ligavam a elas — das que passaram a formar uma única muralha que envolvia também o primitivo núcleo e até outros elementos extra-urbanos, tais como abadias ou colegiadas, aglomerados dominiais, *vicus militum* etc., que, ou vieram a transformar-se em novos bairros urbanos, ou mantiveram a sua personalidade jurídica, conservando mesmo, às vezes, as suas próprias fortificações.

Finalmente, o Prof. Ganshof analisa os períodos ulteriores da extensão da cidade, indicando os critérios que podem ser seguidos para assinalar as suas fases mais tardias.

Assim, o aparecimento de novas paróquias, que, no entanto, nem sempre traduz real aumento da população da cidade; o progressivo alargamento da jurisdição territorial do magistrado urbano, que também nem sempre está em relação directa com o desenvolvimento do aglomerado, não só porque pode excedê-lo, mas também porque nem sempre o abrange completamente ; e, finalmente, o estudo das cercas sucessivas, que constitui o critério mais consentâneo ao estudo do desenvolvimento urbano. Mas — observa Ganshof—querendo formar-se uma ideia exacta das sucessivas fases do desenvolvimento territorial urbano, cada caso requer exame extremamente minucioso. De facto, em certas cidades, só muito depois da constituição de bairros importantes, de população muito densa, é que se procedeu à construção de defesas mais avançadas, especialmente porque o patriciado, que governava a cidade, preferia ver a tumultuosa população operária do arrabalde fora das muralhas.

Alem disso, há a considerar que, em alguns centros urbanos, a construção da segunda muralha foi precedida pelo estabelecimento de defesas avançadas, a uma certa distância da muralha já existente; e que ainda, em outros, se seguiu um processo diferente, de que resultou a construção de duas ou mesmo mais novas cercas. Mas em outras cidades, a fortificação de um ou vários novos bairros, precedeu a construção sistemática de uma nova cerca que os englobasse a todos.

Finalmente, há a considerar um novo grupo de cidades onde duas ou mais grandes cercas, concebidas de modo sistemático, marcam claramente as fases sucessivas do desenvolvimento urbano.

Um caso se apresenta à consideração do Autor : o das cidades que incluíram dentro das muralhas extensos terrenos constituídos por hortas ou vergeis. E sugere duas explicações: ou a muralha foi concebida contando com o mesmo ritmo de desenvolvimento urbano que se verificou nos sécs. xn e xm, ou então, por razões de ordem militar, procuram-se manter, dentro do seu perímetro, espaços que permitissem a pastagem do gado em ocasiões de cerco.

Com este longo resumo não procurámos apenas prestar homenagem ao insigne medievalista, que pôde realizar trabalho tão denso e tão bem estruturado; quisemos sobretudo assinalar o interesse que o livro do Prof. Ganshof pode ter para o estudo do desenvolvimento das nossas cidades.

Já em tempo notei o facto de o bairro mercantil do Porto se designar, a partir do séc. xii, *portus*, ao passo que a cidade, dominada pelo bispo, se chamava *Portucale*; e acentuei ter sido aquela designação que prevaleceu (4). Influência flamenga, em consequência de um comércio cuja importância ia progressivamente aumentando?

Como seria sugestivo o estudo do desenvolvimento urbano no nosso país através das cercas que sucessivamente se construíram para o proteger !

O caso de Guimarães não ofereceria menor interesse. A existência de duas jurisdições com distintos raios de acção, que já o foral de D. Afonso Henriques deixa entrever, só se pode compreender satisfatoriamente pelo estudo da topografia urbana e nomeadamente das suas cercas de muralhas.

Também o caso de Coimbra oferece particularidades, tais como a formação de dois grupos mercantis dentro e fora das muralhas — formação essa que só um estudo assim poderá explicar convenientemente.

Possa este trabalho do Prof. Ganshof estimular os nossos estudiosos a considerar um aspecto tão importante da história urbana, porque, só depois, poderemos tentar realizar, com segurança, o estudo das nossas instituições municipais.

TORQUATO DE SOUSA SOARES